
Reflexões sobre gêneros jornalísticos: análise das produções dos últimos cinco anos do Grupo de Pesquisa Gêneros Jornalísticos da Intercom¹

Clarissa Josgrilberg PEREIRA²

Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, SC

Marli dos SANTOS³

Universidade Cásper Líbero, São Paulo, SP

RESUMO

O presente estudo analisa o estado da arte das publicações dos últimos cinco anos presentes nos anais do Grupo de Pesquisa Gêneros Jornalísticos da Intercom. A análise parte de uma ficha construída com categorias, à luz da que foi aplicada em estudo anterior (Santos et al, 2021). Tal estudo é relevante para sabermos, como afirma, Stumpf (2011), em que bases vamos avançar. As informações coletadas abrangeram 87 artigos, considerando o perfil dos pesquisadores, a metodologia adotada e o referencial teórico como dados principais. Os resultados apontam algumas mudanças nos últimos 5 anos em comparação ao estudo anterior, que abrangem perfis de autores, novos diálogos com outras áreas e deslocamento de grupos nucleadores de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE:

Estado da Arte. Gêneros Jornalísticos. Grupo de Pesquisa. Intercom

INTRODUÇÃO

Os estudos de gêneros jornalísticos no Brasil tiveram grandes contribuições de autores pioneiros como Beltrão (1969,1976, 1980), Marques de Melo (2009) e Marques de Melo em coautoria com Assis (2010, 2016) e Chaparro (2008), além de uma nova geração que seguiu na trilha dos estudos, como Temer (2009), Seixas (2009); Assis (2010, 2016), em coautoria com Marques de Melo), Vaz (2013), Pereira (2022), entre outros, consolidando e avançando nas reflexões, Como dizem os pesquisadores, os gêneros estão relacionados ao seu tempo histórico, e são importantes porque fazem parte do contrato de comunicação estabelecido entre falantes e ouvintes.

No recorte de tempo escolhido para esta pesquisa, o objetivo foi identificar no contexto do GP Gêneros jornalísticos da Intercom, criado por Marques de Melo em 2009, o perfil dos autores (instituição e região de origem, autoria individual ou coletiva e

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Curso de Jornalismo da FURB email: clarissap@furb.br

³ Professora do Curso de Jornalismo da Cásper Líbero, email: msantos@casperlibero.edu.br

titulação), a metodologia da pesquisa (foco, abordagem, técnica de pesquisa, gêneros e formatos e meio de comunicação) e o referencial teórico (autores brasileiros). Utilizamos como parâmetro a pesquisa realizada anteriormente (Santos et al, 2021), que abrange os dez primeiros anos do GP, e o mesmo instrumento de coleta de dados. No total foram analisados os dados de 87 artigos de 2019 a 2023, extraídos dos anais do GP no site da Intercom.

O referencial teórico adotado foi o de Marques de Melho (2009, 2010, 2016), em que o autor propõe uma nova tipologia, ampliando a classificação de dois gêneros (Informativo e Opinativo) para cinco (Informativo, Opinativo, Interpretativo, Utilitário e Diversional). Nessa nova proposta o autor parece dialogar com as ideias de Chaparro (2008), ao avançar nos formatos como conjunto de textos que agrega características semelhantes, e espécies (denominação usada por Chaparro) para detalhar “tipos” de textos (Marques de Melo & Assis, 2016)

Relevante destacar, muito além da tipologia, é que não é possível estudar gêneros jornalísticos fora de seu contexto prático, que abrange “suportes tecnológicos e as engrenagens produtivas que permitem o fluxo das mensagens concebidas, produzidas e difundidas pela corporação jornalística, o que inclui evidentemente os mecanismos de interação com o público-alvo – leitores, radiouvintes, telespectadores, internautas etc.” (Marques de Melo & Assis, 2016, p. 42).

Dessa forma, a nossa preocupação no estudo anterior foi identificar como essas mudanças foram captadas nas pesquisas apresentadas no GP nos dez primeiros anos (2009-2018) e as contribuições decorrentes (Santos et al, 2021), comparando-as neste artigo com os dados dessa segunda jornada de cinco anos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos últimos cinco anos, de 2019 a 2023, foram submetidos um total de 87 trabalhos, o que dá uma média de 17,4 trabalhos por ano, diferentemente da média anterior, de 21,4 trabalhos ao ano. É bem verdade que são observados ciclos (altos e baixos) nos dois períodos da pesquisa. O gráfico a seguir mostra a distribuição por ano.

Gráfico 1 - Trabalhos



Fonte: as autoras

É possível identificar que os eventos remotos, seja no período da pandemia ou após, quando a Intercom passou a ofertar as modalidades remota (virtual) e presencial, tiveram maior aderência e mostra-se como tendência de evento.

Nos dois gráficos a seguir (2 e 3), observa-se o perfil dos participantes de 2019 a 2023. A maioria dos trabalhos foi feita individualmente (52%), sem coautoria, e por doutores (62%), conforme representado abaixo. Na primeira década do GP, as pesquisas nos quatro primeiros anos estavam associadas a graduados, depois a mestres (a partir de 2013/2014) majoritariamente e, por fim, mestres e doutores, mostrando uma participação mais ativa dos programas de pós-graduação.

Gráfico 2 - Titulação

Fonte dos gráficos: as autoras

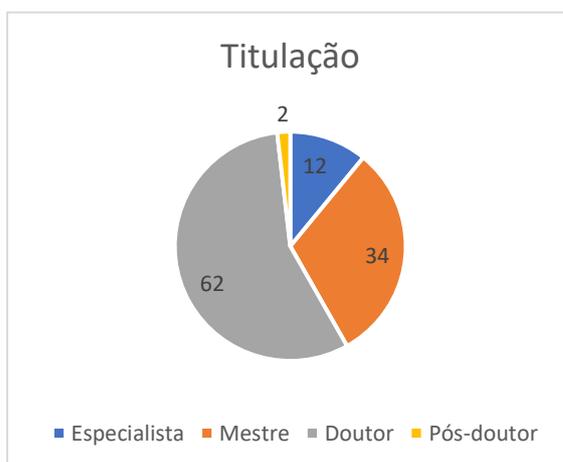
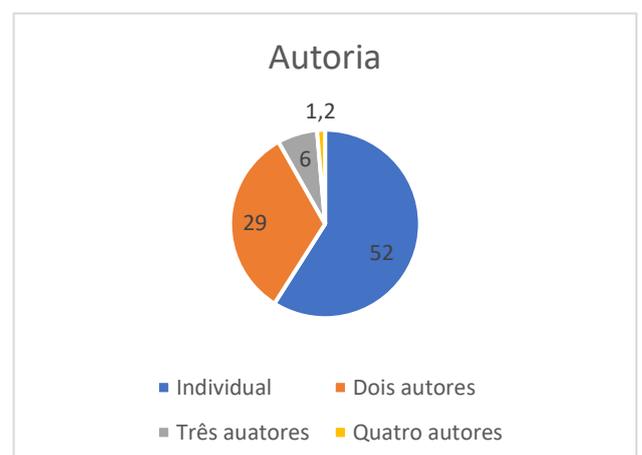


Gráfico 3 - Autoria



Outro dado importante é que a maior parte dos trabalhos é da região Sudeste (43%), seguida pela Sul (24%) e pela Nordeste (18%). Na pesquisa anterior, a predominância é do Sudeste e Centro-oeste, especialmente Goiás. As instituições mais presentes são: Cásper Líbero, ESPM, FURB, USP, UFBA, UFP, UFG, UFJF. a UFG e a UMESP perdem protagonismo nos estudos, certamente pela ausência/mudanças de status de seus principais pesquisadores. Além disso, ressalta-se a maior participação de pesquisadores de fora do país, se comparado ao estudo anterior (Santos et al, 2021). Houve trabalhos da Espanha, Estados Unidos e Portugal.

Sobre as características dos estudos, a grande parte mantém a discussão centrada no conteúdo produzido pela mídia jornalística (75%) e uma pequena parte focada no emissor (7%). Se compararmos os dados com os dez primeiros anos do GP, verificamos o crescimento das pesquisas focadas no conteúdo nessa segunda coleta. Não houve nenhum trabalho que se debruçou a compreender os receptores, mantendo o resultado entre os períodos. De outro lado, 18% dos artigos focaram o processo comunicacional, com discussões teóricas não centradas em uma parte das etapas de comunicação.

Identifica-se um aumento das discussões centradas em gêneros jornalísticos, mas não vinculadas a tipologias, e sim a questões atuais que cercam a prática jornalística, tais como: educação midiática, produção multimidiática e multiplataforma, hibridização de gêneros, podcast, desinformação, jornalismo de soluções, jornalismo literário e fact checking. As relações estabelecidas com outros temas, sem considerar as tipologias, também são observadas na primeira pesquisa, como o impacto das tecnologias digitais. Algumas relações entre gêneros e desinformação, *fact checking* e educação midiática não aparecem no primeiro estudo, mostrando como a pesquisa de gêneros está relacionada a seu tempo, confirmando a visão de Marques de Melo.

Na mesma linha identifica-se o uso mais frequente de autores que realizam discussões associadas a comunicação, tecnologia e internet; tais como: McLuhan, Castells, Jenkins, Canavilhas, Salaverría, Longhi e outros. Já quanto aos autores específicos da discussão de gênero, Marques de Melo continua sendo o mais citado e está presente em 42% dos trabalhos. Comparando com os dados de 2009 a 2018, há uma variação nas referências ao autor de 25% a 48%, além de outros estudiosos: Chaparro (2008), Beltrão (1969,1976, 1980), Seixas (2009) e Temer (2002)

Quanto aos meios midiáticos analisados, a web está presente em 73% dos trabalhos, seguida pela TV e pelo rádio; embora, é claro, muitos trabalhos focuem a

produção multiplataforma e abarquem junto com a Web, a TV e o rádio, diferentemente do período anterior, em que jornais impressos aparecem majoritariamente nos primeiros quatro anos do GP, e a web surge a partir de 2013/14, tendo prevalência bem menos expressiva em relação aos outros meios de comunicação. O impresso (jornal e revista) persiste com participação relevante nesse período.

Metodologicamente os trabalhos são classificados como qualitativos (79%) e quanti-quali (20%); apenas um utilizou a abordagem quantitativa, seguindo uma tradição observada na área da Comunicação e em gêneros jornalísticos. Quanto aos percursos metodológicos a pesquisa bibliográfica, a análise de conteúdo e a de discurso foram, respectivamente, os predominantes. A pesquisa bibliográfica persiste como a mais presente nos estudos entre os períodos e a análise de conteúdo também. Além desses, aparecem: análise de enquadramento, análise comparativa, análise documental, análise historiográfica, entrevista, estudo de caso, análise audiovisual, mostrando mudanças na adoção de metodologias, o que pode ser reflexo da titulação dos autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este novo estudo confirma algumas tendências já detectadas na primeira pesquisa, como metodologias (abordagem qualitativa, pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo), persistência de estudos voltados aos conteúdos, com poucos casos em que se interrelacionam produção, mensagem e recepção.

No entanto, observamos mudanças na evolução dos meios analisados, flagrantemente o impresso perde espaço e a web passa a ocupar as preocupações dos pesquisadores. Além disso, o diálogo com outros campos do conhecimento não tradicionais, como os estudos da desinformação, educação midiática e fact checking mostram novos diálogos a serem explorados, em que o gênero e o formato são cruciais. A ausência de letramento jornalístico, especificamente em gêneros, agrava o fenômeno da desinformação. Outro aspecto a ressaltar é a mudança de instituições nucleadoras dos estudos, que outrora foram germinadoras de pesquisas na área. Vale considerar que o Sul e o Nordeste ganharam protagonismo como lócus de estudiosos vinculados ao GP.

Como diagnóstico final, é necessário avançar e percorrer caminhos teóricos-metodológicos que deem conta da nova realidade do jornalismo e dos meios/plataformas que avançam sobretudo na internet, em convergência com outras mídias, além do público ativo, que impacta nos formatos e na sua evolução.

REFERÊNCIAS

- BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário**. São Paulo: Folco Masucci, 1969.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1976.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquem e d'alem mar**. Travessias para uma nova teoria de gêneros. São Paulo: Summus, 2008.
- MARQUES DE MELO, José. Gêneros jornalísticos no Brasil: o estado da questão. In: **Anais ... 32º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba, PR., 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0763-1.pdf>. Acesso em 20 jun. 2024.
- MARQUES DE MELO, José & ASSIS, Francisco. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do campo, SP.: Editora Metodista, 2010
- MARQUES DE MELO, José & ASSIS, Francisco. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório **Intercom - RBCC** São Paulo, v.39, n.1, p.39-56, jan./abr. 2016
- PEREIRA, Clarissa J. **Webjornalismo nos principais sites jornalísticos brasileiros**. Estudo de Gêneros e Formatos. Editora dos autores, 2022.
- SANTOS, Marli; PEREIRA, Clarissa J.; TEMER, Ana Carolina; ANTONIOLI, Maria Elizabete; LAURINDO, Roseméri. **Jornalismo, gêneros e formatos: estado da arte e diálogos contemporâneos**. Blumenau: Edfurb, 2021.
- SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos**. Proposta de novos critérios de classificação. Covilhã, Portugal: LabCom Books, 2009.
- STUMPF, Ida Regina. **Pesquisa bibliográfica**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Orgs.). Métodos e técnicas de Pesquisa em Comunicação. 2 ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2011
- TEMER, Ana Carolina Pessôa. **Notícias & serviços nos telejornais da Rede Globo**. Rio de Janeiro: Editora Sotese, 2002
- TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. Por uma teoria dos Gêneros em Comunicação. **Anais... 32º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba, PR., 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0776-1.pdf>. Acesso em 20 de junho de 2019.
- VAZ, Tyciane Cronemberger Viana. **Jornalismo utilitário – teoria e prática Tese (Doutorado)**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, **Umesp**, 2013.